



Antropologia Filosófica
Sentidos do Homem Grego

Autor: Sérgio Peixoto Mendes¹

Nossa tarefa inicial será a de destacar alguns aspectos significativos do processo de apreensão, realizado pelo homem grego, das leis, pensamentos e linguagem-elementos constitutivos de sua cultura.

Os principais aspectos e as principais características que colocam o homem grego na origem da cultura ocidental estão relacionados a sua predisposição crítica. É, sem dúvida, um ponto forte, um diferencial do homem grego em relação aos demais homens, sua capacidade reflexiva. A perplexidade com que os gregos “olharam” o mundo, é uma perplexidade especial, é uma perplexidade que só os gregos poderiam manifestar de maneira tão sistêmica. A profundidade com que os gregos discutiram a origem do universo (observemos toda a filosofia pré-socrática) os torna seres diferenciados no âmbito da filosofia e, por consequência, também no âmbito da antropologia filosófica. Pode-se dizer que o homem grego ao perceber este todo organizado que é o mundo, ficou perplexo mas, ainda assim, conseguiu dar seu primeiro passo, sem dúvida, um passo importante. Assim, num primeiro momento, a característica fundamental que se apresenta é esta predisposição crítica.

Mas o homem grego continua perplexo e por isso sua predisposição crítica se torna inquiridora. Não teria sido esta mesma perplexidade um fator decisivo na tomada de consciência de si? Afinal, o estar diante do mundo, nele, com ele, vivendo, sendo, só pode ter um causa, uma finalidade. Mas, qual seria esta finalidade? Questiona-se o homem grego. Não deveria este *existir*, *este eu-só*, *este homem*, possuir uma tarefa e uma função neste mundo ordenado? Se assim ocorre com as demais coisas, onde tudo parece estar em ordem - o que a perplexidade mostra é um cosmos - porque o homem não estaria inserido neste quadro? Se aparentemente tudo parece possuir um sentido, qual é o sentido do *ser* do homem? Como captar a ordem do cosmos e aplica-la no dia a dia deste ser sub-lunar? Se as partes juntas formam um todo organizado, por que não pode o homem se organizar e decidir sobre os seus rumos, sobre aquilo que é melhor para si? *Questionar*, é outro atributo do homem grego.

Mas, poderíamos objetar: a quem são dirigidas as suas perguntas? A ele mesmo, responderíamos, pois, pode-se encontrar na história da cultura ocidental homem mais propenso ao diálogo do que o homem grego? O curioso no homem

¹ É mestre em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação e especialista e graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília e UFSC, respectivamente.

grego é que ele aprendeu a questionar em comunidade, ou seja, através do diálogo, da arte de persuadir. Assim, chama para si a responsabilidade pelas decisões das questões de interesse geral pondo em prática uma de suas características específicas: a possibilidade de ser político. Na vivência comunitária ele cria valores, ergue leis e evita o isolamento, é também nesta vivência comunicativa, que busca sustentação para si mesmo num benefício recíproco para com o outro.

O homem grego em sua vida comunitária não se dá ao luxo de ser independente senão e apenas no ato de pensar. Já no campo das ações e das decisões ele sabe que antes de tudo é preciso convencer o outro se quiser fazer valer a sua vontade. É, justamente esta característica política do homem grego que o torna originário tanto no seu sentido de ser como na sua cultura. O grego, na praça, encontra o outro, no diálogo se comprazem e o mundo em torno se beneficia.

Entretanto, também é necessário refletir sobre a base familiar grega, considerando que a mesma pode ser entendida como um entrave para o processo de individualização do homem desta cultura. Comparemo-a com as bases da cultura ocidental em busca dos fundamentos do processo de individuação.

Como instituição religiosa estática e fechada, conseqüentemente, de cunho tradicionalista, a base familiar grega só poderia mesmo ser um entrave ao processo de individualização. A idéia de transferir o conhecimento de pai para filho não permite, na maioria das vezes, inovar. Como a identidade individual torna-se vinculada a identidade familiar não há abertura nem no processo nem na cultura. Nesse sentido, o indivíduo como entidade independente é esmagado pelo núcleo familiar e não se reconhece como entidade autônoma. As relações restritas ao âmbito da família inviabiliza outras dimensões culturais pois não permite a agregação de novos valores.

De certa forma estas práticas extáticas e fechadas sobreviveram e ainda hoje podemos encontra-las no ocidente disfarçadas nas diversas ideologias e crenças. Em diversos países o tom ainda é totalitário e as sociedades fechadas, ou seja, a seiva ainda é amarga e não corre livre na árvore da antropologia filosófica.

Agora vamos registrar pelo menos uma diferença fundamental, entre a concepção platônica e a concepção aristotélica, referente ao sentido de ser do homem. Primeiro é preciso deixar claro: não é uma tarefa simples mostrar a distinção entre o homem platônico e o homem aristotélico, pois em determinados momentos o *homem mesmo* de Platão representado na figura de Sócrates se confunde com aquele homem de carne e osso aristotélico. Este ser entre os demais seres da natureza. Se em Platão o homem é puro diálogo em Aristóteles ele se torna o artista capaz de convencer e persuadir. Sim, o homem aristotélico convence o homem pois é de sua natureza ser político (o homem é um animal político). E, não é a política a arte de persuadir? Sim, para convencer é preciso possuir a arte, a técnica de construir o raciocínio, por isso lembrei do famoso silogismo: todos os homens são mortais. Sócrates é homem, logo Sócrates é mortal. Não vamos nos ater a técnica do silogismo, vamos buscar apenas aquilo que nele está implícito, com isso colocamos a discussão no âmbito da antropologia filosófica. E o que nos mostra a proposição acima? Mostra um

homem de carne e osso, um Sócrates mortal, uma espécie que, dentro da classe dos seres vivos, possui como característica comum com este a condição de ser mortal. O que observamos em Aristóteles é que o homem é mais um dos elementos no reino da natureza, com isso ele pode ser objeto de estudo, pode ser analisado, tem uma forma e pode ser dissecado num laboratório. Este homem colocado num determinado contexto é um fato. No contexto físico ele é comparado, no contexto da linguagem ele é dito e explicado, mas tudo conforme a ordem das coisas, pois ele possui uma causa física, por isso tem também uma finalidade no contexto geral da natureza. Como linguagem ele é sujeito e predicado pois diz algo de si mesmo. Pode também ser compreendido, principalmente, se for estudado em suas partes constitutiva. O homem é um animal mortal e o único capaz de ter consciência desta mortalidade.

Já em Platão inaugura-se a intersubjetividade o homem é essencialmente diálogo, é uma figura em ação na história e possui uma disposição natural para o filosofar. Como vimos, se em Aristóteles o homem aparece como político em Platão já aparece como propenso ao diálogo e, não seria a política a arte de convencer dialogando? Como já mencionamos acima não é tarefa fácil distinguir o homem platônico do homem aristotélico, principalmente, nestes dois aspectos essenciais. Contudo existe uma diferença básica entre as duas concepções. Para Platão o homem é um estrangeiro neste mundo (sua alma migra, reencarna) ao passo que o homem aristotélico está inserido e aceita seu lugar no universo.